



Este manual foi inspirado pelo episódio 52 do podcast Magickando, que você pode encontrar neste link:

<http://bit.ly/magickando52>

Recomendamos fortemente que você escute o episódio antes de seguir com a leitura.

CONTEÚDO V1.2

| | |
|----------------------|----|
| MACUMBA NÃO É CRIME | 6 |
| AS QUATRO VIRTUDES | 8 |
| SABER | 10 |
| QUERER | 12 |
| OUSAR | 20 |
| CALAR | 28 |
| SUGESTÕES DE LEITURA | 32 |

**8. A BRUXARIA É O RECURSO DOS DESPOSSUÍDOS,
DOS IMPOTENTES, DOS FAMINTOS E DOS
ABUSADOS.
ELA DÁ CORAÇÃO E LÍNGUA A PEDRAS E ÁRVORES.
ELA VESTE A PELE ÁSPERA DOS ANIMAIS.
ELA SE VOLTA CONTRA UMA CIVILIZAÇÃO QUE SABE
O PREÇO DE TUDO, MAS NÃO SABE O VALOR DE
NADA.**

(...)

12. NÓS NÃO NOS DESARMAREMOS.

13. A GUERRA ESTÁ SOBRE NÓS.

14. ESCOLHA, ENTÃO, TORNAR-SE UMA MÁSCARA.

TRECHOS DE BRUXARIA APOCALÍPTICA, DE PETER GREY

É chegada a hora. Na verdade, a hora já quase passou. Se você não a enxerga, infelizmente não está do nosso lado, e possivelmente não podemos contar com você. E se você chegou até aqui procurando por um porto para atracar por um longo período, ou até “a tormenta passar”, sinto dizer que não poderemos lhe receber. Você não vai poder ficar aqui para sempre.

Mas não tema: este pequeno guia visa justamente ser um não-lugar. Esteja aqui apenas de passagem, mas leve consigo toda a informação que puder. Faça uma leitura crítica e perceba o que funcionará para o seu eu-mágicko e para seu grupo, caso pertença a um. Este guia não é e não pretende ser uma receita de bolo (espero que entendam a referência, aliás). Inspire-se, estude, discuta, pratique.

E o mais importante: não é hora de ter receios. É hora de se posicionar. Já que estamos em guerra, esteja forte. Esteja preparado.

MACUMBA NÃO É CRIME

[ATÉ A PÁGINA 2]



É claro que falar de legislação é sempre um saco, mas é importante saber o que é permitido e o que é proibido dentro dos limites da lei. É a única forma de saber a melhor forma de respeitar a lei sem deixar de conseguir seus objetivos, bem como de transgredi-la conscientemente se esta for a intenção.

É desnecessário dizer que o Brasil de hoje não é o estado laico que deveria ser, o que faz com que práticas cristãs sejam amplamente aceitas pela sociedade, enquanto religiões de matriz africana, para citar um único exemplo, são marginalizadas.

Isto posto, é importante destacar que macumba (ou qualquer feitiço ou prática mágica) não é crime, de acordo com nossa constituição federal. É verdade que a constituição vem sendo cada vez menos respeitada – e, no momento em que este texto é escrito, existem sérias dúvidas sobre a sobrevivência da mesma ao seu próprio retorno de saturno – mas ainda é a melhor linha guia na qual podemos nos basear. De acordo com seu artigo 5º, inciso VI:

“é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”

Isto garante que todo cidadão brasileiro tem o direito de seguir a religião ou o caminho espiritual que bem entender, assim como as práticas associadas, desde que isso não interfira com outros direitos constitucionais assegurados a outras pessoas, e desde que crimes não sejam cometidos neste processo. E é bom que não absolutamente tudo seja permitido, porque não é interessante que haja criminalidade de fundo religioso sancionada pelo Estado sob a proteção constitucional da liberdade de crença.

Mas onde está o limite? Qual é o ponto de virada? Em que momento o exercício de uma fé se torna criminoso aos olhos da lei?

Este é um tema complicado, porque depende fundamentalmente da honestidade intelectual de nossos legislativo e judiciário – ambos os quais, estatisticamente, possuem um viés ideológico conservador e

impõem moral e valores neopentecostais sobre a sociedade, a despeito da suposta laicidade do Estado. Afinal de contas, são pessoas, cheias de certezas, paixões e interesses pessoais.

Então a resposta é simples. Onde está o limite? Onde o juiz disser que está, é claro. Mas isso não significa que não temos nenhuma noção do que é permitido ou proibido neste exato momento.

Em um caso de 2017, a 6ª turma do Supremo Tribunal de Justiça (sim, fiscalizar a fé alheia é importante o suficiente para que até o STJ se envolva) entendeu que intimidar e coagir terceiros usando de “ameaças espirituais” é um ato criminoso. Mais informações sobre este caso nesta reportagem da época:

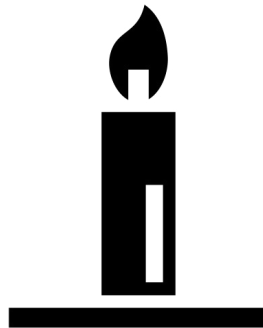
<http://g1.globo.com/pop-arte/blog/yvonne-maggie/post/magia-negra-no-stj.html>

Portanto, fazer macumba não é crime. Ameaçar outros usando macumba como ferramenta de persuasão, da mesma forma como se ameaçaria alguém com chantagem, por exemplo – isso sim é crime.

Isso significa que fazer macumba contra os outros é crime? É claro que não. Crime seria coagir e chantagear os outros ameaçando fazer macumba contra eles.

Aproveitando que estamos falando sobre leis, vale ressaltar que este livreto não passa de um guia hipotético, um exercício de pensamento. Não tenha dúvida: se houver um julgamento, formal ou no paredão de fuzilamento, você será o único responsável pelos seus atos.

O resumo de todo esse blá-blá-blá é: não ameace fazer macumba. **Apenas faça.**



AS QUATRO VIRTUDES

“Saber, ousar, querer, calar – eis os quatro verbos do mago que estão escritos nas quatro formas simbólicas da esfinge.”

Éliphas Lévi, Dogma e Ritual da Alta Magia

Você pode já ter ouvido falar das quatro virtudes, palavras ou verbos do mago, também chamadas de Quatro Pilares da Magia. Podem ser consideradas conselhos genéricos de conduta para quem pratica as artes mágicas, um código de conduta para uma categoria desprovida de associação de classe. Essas palavras estão presentes por toda parte na literatura de um passado não tão distante, aparecendo em diversas vertentes.

De onde veio tudo isso? Do Egito, é claro! (Brincadeira. Mas a comparação com a esfinge faz algum sentido.)

A esfinge é composta de quatro partes: boi, leão, águia e ser humano, animais considerados sagrados pelos povos da região. Considerando os arquétipos de cada um destes seres, não é difícil extrapolar as quatro virtudes da magia para os componentes da Esfinge. Por exemplo, a águia sabe, o leão ousa, o humano quer e o boi cala. A esfinge é um signo que representa o ser humano e os diversos circuitos de sua consciência.

Considerando este ponto de vista, esta citação de Crowley parece adequada:

“A Esfinge é a divinização do bestial, e, portanto, um Hieróglifo adequado da Grande Obra.”

Aleister Crowley – O Bagh-i-Muattar

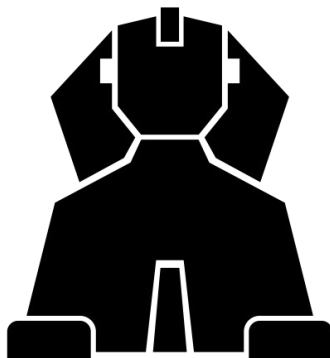
De acordo com Éliphas Lévi, o Saber é “uma inteligência esclarecida pelo estudo”. Para nossos propósitos, pode ser resumido como “entender a situação”.

Hoje em dia, o Querer é muitas vezes associado à Verdadeira Vontade. Mas independentemente de concordar ou não com o conceito de V.V., é importante destacar que querer está associado à vontade, como um objetivo maior. Não se trata de desejo, no sentido de impulso primal e passageiro. No nosso contexto, o Querer será trabalhado no sentido de “Desenvolver uma Estratégia”.

Mais uma vez recorrendo a Lévi, Ousar pode ser definido como “uma audácia que nada faz parar”. Em nossa abordagem, tratará de colocar a mão na massa, de “transformar planejamento em ação”.

Em tempos de onipresença das redes sociais, onde a exposição do individual é a regra, falar de Calar é praticamente um absurdo. Mas talvez seja o ponto mais importante de todo este nosso estudo. Lévi define o Calar como “uma discrição que nada pode corromper ou embebedar”. Mas não estamos falando aqui de guardar segredos iniciáticos perigosíssimos para a humanidade – estamos falando de manter sua própria integridade física, sendo um estudioso ou praticante de magia em um cenário de autoritarismo moralista neopentecostal. Calar, hoje, consiste fundamentalmente em “construir defesas”.

Mas vamos ver cada uma destas virtudes com mais atenção e entender como elas podem nos ajudar.



sphinx by 1516 from the Noun Project

OLHO DE THUNDERA, ME DÊ A VISÃO ALÉM DO ALCANCE!

Muitas vezes é complicado planejar heroicas ações de resistência, porque quem precisa resistir dificilmente está do lado que está ganhando, e dificilmente tem uma tonelada de informações em seu colo, possibilitando decisões frias e calculistas. Ainda bem que não somos apenas pessoas *high stakes* aleatórias! Nós temos a magia ao nosso lado. Podemos ser oprimidos, mas temos nossos pontos fortes, e somos capazes de produzir resultados extremamente poderosos (se você não se sabotar).

Mas como usar a magia para ganhar vantagem competitiva na etapa de planejamento? Na falta de um milhão de assessores e aspones, e sem acesso a informações classificadas, restam poucas opções, e a resposta não é difícil: use divinação para obter informações que não estariam disponíveis de outra forma para você. David Salisbury dá algumas ideias a respeito disso em seu livro *Witchcraft Activism*.

Não existe hora certa para realizar suas divinações, mas costuma ser sábio fazer isso depois que todas as informações que possam ser coletadas por meios mundanos já tiverem sido coletadas. Afinal de contas, a ideia aqui é fazer um monte de pedaços soltos pegarem liga e assumirem uma forma coesa, e é nessa etapa que a divinação é mais útil. Inteligência com antecedência – esse deve ser um lema para leituras oraculares relativas a planejamento. Divinação dificilmente será capaz de substituir a boa e velha coleta de informações, mas costuma ser um ótimo complemento. Essa inteligência pode consistir em notícias, dados estatísticos, dados concretos, conversas com pessoas, nomes, endereços, plantas baixas, e virtualmente qualquer informação ligada ao tema, ainda que possa parecer inútil a princípio.

Divinações realizadas após uma intensa coleta de informações podem ajudar a identificar partes do problema que não estão claras, pessoas que precisam ser consideradas (tanto como aliadas como quanto inimigas), forças e fraquezas a explorar, os

recursos necessários para resolver problemas e que podem estar sendo negligenciados, como obter estes recursos, que pessoas (com envolvimento direto ou indireto, culpadas ou inocentes) serão afetadas pelas ações prestes a se desdobrar, quais ações mágicas podem ser úteis, como a perspectiva de ação está alinhada com a sua vontade, quais entidades estão a seu favor e quais estão contra, como lidar com elas, entre outros tantos aspectos.

Não existe um guia, não existe uma lista de perguntas a serem feitas. Siga sua intuição: ela é mais importante do que você imagina. Mas não pise demais. É saudável entrar na seção de divinação com algumas perguntas em mente, não deixar de fazê-las, e também não fazer inúmeras outras perguntas não planejadas. É fácil perder o foco quando se tem potencialmente todas as respostas do mundo na palma das suas mãos.

(E fica aqui um conselho de elfo: a sua divinação também pode dar errado. Aja com parcimônia.)

A divinação pode ser útil em todas as etapas que abordaremos a seguir, mas vamos começar pelo começo.



Created by Erich Grois
from Noun Project

SMART KIDO – USANDO A METODOLOGIA DO INIMIGO CONTRA ELE MESMO

Aikido é a arte da paz. É uma arte marcial japonesa que tem como objetivo último evitar que qualquer forma de violência tenha sucesso. Para conseguir esta façanha, o adepto do Aikido domina diversas formas de reverter ataques e penetrar defesas, conhece os pontos certos a pressionar e golpear e, acima de tudo, usa a força e o momento do oponente contra ele mesmo. Por isso praticantes desta arte são capazes de derrotar oponentes muito maiores e mais fortes do que eles mesmos. Tudo sem apelar para ataques grosseiros e desajeitados. Tudo pela bandeira da paz.

Os critérios SMART são comumente usados para definição de metas dentro de contextos *high stakes*, por falta de síntese melhor. A ideia central da estrutura SMART é definir objetivos que sejam **e**specificos, **M**ensuráveis, **A**lcançáveis, **R**ealistas e com **T**empos definidos. Sim, é uma sigla engraçadinha.



Quem tenta vender essa metodologia obviamente faz questão de valorizar o próprio passe, e acrescenta complicações desnecessárias, mas o conceito é bem simples. Uma boa meta tem que:

1. Ser específica, ao contrário de genérica. “Aprender a cozinhar” não é uma boa meta; “aprender a fazer refeições gostosas e baratas para comer em casa” é uma boa meta, mas não habilita ninguém a ser um chef profissional.

2. Ser mensurável, ao contrário de aberta. “Emagrecer” não é uma boa meta; “perder um quilo e meio por mês” é.
3. Ser alcançável, ao contrário de inalcançável. “Viver de música” não é uma boa meta se você não toca nenhum instrumento e não consegue cantar uma nota afinada.
4. Ser realista, ao contrário de impossível. “Comprar um carro zero” não é uma boa meta para quem vive de salário mínimo; “arrumar alguém que me dê carona” talvez seja.
5. Ter tempos definidos, ao contrário de não ter um cronograma claro. Nenhuma meta é boa se não há um ponto limite definido no tempo para que ela se manifeste.

Acontece que a maioria das pessoas que não está envolvida com o universo *high stakes* nunca vai ouvir falar de metas SMART. Sem nenhuma referência, é comum que quaisquer tentativas de se organizar, por mais que sejam sinceras, honestas e bem-intencionadas, também sejam rudimentares e ineficazes. Em contrapartida, no fantástico mundo *high stakes*, as pessoas estão munidas de técnicas altamente eficazes para tudo. E por mais que seja doloroso aceitar, parece que as coisas estão funcionando para elas.

Como, então, é possível recuperar a vantagem em uma luta perdida? Usando, é claro, a arte da paz. O Aikido é essencialmente sobre isso – usar a força do inimigo contra ele mesmo. Mas isso não precisa se limitar às artes marciais.

Propomos, portanto, o SMART Ki Do. Ao enfrentar o inimigo mais forte no âmbito social, político, hierárquico, religioso, de status quo, etc., não adianta contar apenas com boa vontade e esperanças. É preciso ser SMART.

Não simplesmente tente “derrubar o sistema”. Seja específico. O que, exatamente, você quer derrubar?

Não simplesmente tente “juntar pessoas para sua luta”. Meça seu sucesso. Quantas pessoas você quer que venham lutar ao seu lado?

Não ache que você vai conseguir “derrubar as instituições”, se você não está dentro das instituições e não tem nenhum poder para agir externamente sobre elas. Antes de definir algo como seu objetivo, estabeleça objetivos menores que te possibilitem, posteriormente, ter sucesso em sua busca pelo objetivo maior.

Não queira “acabar com tudo isso que está aí”, porque isso é impossível. O que é de fato possível e realista, mesmo que com uma ajudinha mágica? Lembre-se que é mais fácil causar alguma influência sobre acontecimentos ao redor de pessoas do que afetar diretamente

as pessoas. Isso é verdade especialmente se estivermos falando de líderes importantes, pessoas que arrastam multidões – ou rebanhos. Importante: realista é diferente de fácil.

Não ache razoável definir qualquer objetivo que seja sem definir uma data para ele. Sem uma data, você nunca vai saber se fracassou ou se obteve sucesso, e nunca vai saber quando colocar um plano B em ação caso as coisas deem errado.

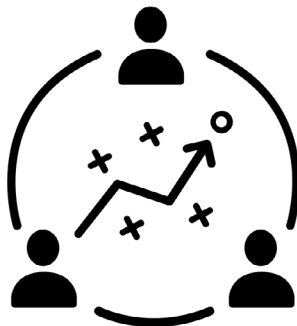
Ao definir metas SMART para derrubar os espertalhões, você está sendo o Daniel San da sua própria história, um neo-Davi capaz de derrubar Golias usando o cérebro em vez da força bruta. Se as coisas estiverem se resolvendo com muita facilidade, você saberá que pode subir a barra. Quando uma meta SMART falhar, parta para outra. Fracasso não é sinônimo de derrota. Use essa estrutura para se planejar. Você vai precisar.

Perdão pelo papo com cheirinho de coach. É que é impossível combater a merda sem se sujar. Seus oponentes são SMART, e a única defesa contra eles é o SMART Ki Do.

Não complique as coisas, mas não seja simplista

É evidente que não adianta simplesmente jogar esse livreto para o alto e declarar “agora sou SMART” para que todos os seus problemas se resolvam. Não basta definir metas, é preciso identificar problemas e pensar claramente sobre como resolvê-los. E para isso, é importante ter planejamento.

Não existe uma única forma de criar seu plano de ataque, mas uma das possíveis divisões (ainda chafurdando no linguajar *high stakes*, sinto muito) é dividir as etapas do planejamento em Estratégia, Tática e Operacional.



Created by Gem Designs
from Noun Project

ESTRATÉGIA, DO GREGO STRATĒGĪA

A etapa de planejamento estratégico é o momento de definir exatamente o que você quer. É aqui que você mais usa seus conhecimentos SMART. Um objetivo claro facilita todo o resto do processo.

As perguntas que se deve fazer são:

- Onde estamos?
- Onde queremos chegar?

Essas perguntas costumam ser bem difíceis de se responder sem informações com as quais trabalhar. Este é o ponto do planejamento em que a divinação se mostra mais útil. No fim das contas, se você conseguir responder a essas perguntas e definir uma meta SMART, alinhada com sua vontade, você tem uma estratégia bem definida. Mas ainda falta detalhar como fazer seu objetivo se tornar realidade. Agora é hora de definir táticas, ou seja, como resolver o seu problema.

TÁTICA, DO GREGO TAKTIKĒ

Neste ponto do planejamento, já sabemos onde estamos e onde queremos chegar. Os principais problemas já foram identificados, e é hora de trabalhar em cima disso.

As perguntas do momento são:

- O que é preciso fazer?
- É possível fazer o que tem que ser feito?
- O que quer que seja feito – vai funcionar?
- Se não funcionar, o custo do fracasso vale a tentativa?
- Quais são as alternativas?

A primeira coisa a observar aqui é que se você pensou SMART na fase do planejamento estratégico, é porque existe um jeito de chegar na meta que você definiu, já que ela é realista. Mas a resposta para “é possível fazer o que tem que ser feito?” não precisa necessariamente ser sim. Isso é porque existem inúmeras formas de resolver a maioria dos problemas – umas mais e outras menos viáveis.

A etapa do planejamento tático é fundamentalmente sobre definir qual é a melhor forma de resolver um problema já muito claramente

estabelecido. Por isso, é importante ter ideias. Ideias boas, ideias ruins – ideias.

É hora de analisar com cuidado todas as possibilidades, mesmo as aparentemente absurdas. Escreva bastante, use papel, use o Excel, use post-its, rabisque na parede. Organize as ideias para entender melhor as possibilidades.

Divinação aqui também pode ser bastante útil para enxergar o que não está claro – mas divinações simples, do tipo “qual dessas opções é melhor, A, B ou C?”, tendem a cair para o aleatório mais do que para o mágico. Cuidado e bom senso são recomendáveis.

Após esta análise, você pode chegar à conclusão de que um determinado curso de ação é o melhor, sem sombra de dúvidas. Neste caso, não tem nem o que discutir: basta seguir adiante para a próxima etapa. Mas também é possível que você perceba que duas ou mais opções estejam em uma situação de empate técnico. É um bom momento para contar com sua intuição, consultar seus pares e seus guias.

Mas existe, ainda, uma outra possibilidade: você pode perceber que simplesmente nenhuma das alternativas vale a pena. Podem ser difíceis demais, até mesmo próximas do impossível, ou ter um custo muito alto, ou podem trazer consequências péssimas em caso de fracasso. Se este for o caso, provavelmente é hora de identificar novos problemas e andar um passo para trás. Volte para o planejamento estratégico e ataque o motivo da sua dificuldade de seguir em frente. Seja SMART.

OPERAÇÕES, DO LATIM OPERATIŌNIS

Depois de definir qual será o curso (ou os cursos) de ação a seguir, é hora de tratar das minúcias da execução. No planejamento operacional, para cada ação a ser realizada, deve-se responder às seguintes perguntas:

- Como as tarefas serão divididas entre os participantes da ação?
- Qual é o melhor momento para executar a ação?
- Quais são as ferramentas e os recursos necessários?

Divinação pode te ajudar a responder a estas perguntas, e também a identificar qual recurso está faltando, ou mesmo como conseguir recursos que parecem difíceis de obter. Use sua intuição, mas não confie cegamente nela. Ao responder estas perguntas, com ou sem

divinação, é interessante atentar para três coisas que às vezes não recebem a devida atenção.

Em primeiro lugar, definir um momento é sempre útil, pois elimina o risco de “vamos marcar”. Mas às vezes há um momento ideal para realizar alguma ação. Pode ser uma conjunção astral, de fatores, um momento de fraqueza do alvo, de força da comunidade – não importa. Estes momentos podem (e devem) ser explorados, mas é importante não contar com eles. É melhor realizar uma ação num momento não ideal do que nunca a realizar.

Em segundo lugar, recursos e ferramentas. Você pode pendurar um quadro na parede com um parafuso ou com um prego, ou até com fita adesiva, mas nunca apenas com a força da boa vontade. Seu planejamento precisa apontar claramente tudo que você precisa reunir (o que inclui recursos humanos, ou seja, pessoas), e você precisa reunir tudo isso antes de partir para a ação.

Por último, vale observar que você não precisa (e muitas vezes nem deve) fazer tudo sozinho. Vejamos o que os RPGs e MMOs têm a nos ensinar.

A vida real tem muito o que aprender com os RPGs e MMOs

Quem já jogou qualquer RPG ou MMO provavelmente sentiu na prática que certas coisas são praticamente impossíveis de se fazer sozinho. Certas *quests* só são possíveis organizando uma *party* ou uma *raid*. E grupos com muitos personagens parecidos dificilmente têm sucesso em suas missões. É preciso explorar o que cada um tem para oferecer de melhor, e defender os pontos fracos de cada integrante, para tirar o máximo de proveito dos recursos humanos (ou élficos, etc.) disponíveis. Por exemplo, um grupo formado apenas de *healers* dificilmente vai conseguir causar dano suficiente para derrotar um inimigo poderoso; mas ao mesmo tempo, um grupo sem *healer* algum dificilmente vai terminar a missão com todos os personagens vivos, e talvez nem consiga derrotar o inimigo. Diversidade importa.

Faça parte de um grupo, pertença a uma comunidade. Pode ser um grupo pequeno, de três ou quatro pessoas, mas pode também ser um grupo grande, com milhares. Em grupos pequenos, é mais fácil ter confiança plena nos participantes, ao passo que é bom ter um pé atrás com grupos grandes, nos quais você não tem como conhecer bem todos os integrantes. Quanto maior o grupo, maior a probabilidade de que ele seja descoberto por pessoas de fora. Além disso, é mais fácil ser parceiro de armas de cinco colegas de *raid* do que nutrir confiança cega por toda a Horda, ou toda a Aliança. Não importa o tamanho

do seu grupo: faça parte de algo, e saiba com quem está lidando. O inimigo, quando em posição dominante, é sempre partidário da metodologia de dividir para conquistar. Não o deixe dividir, e ele não terá como conquistar.

Juntos somos mais fortes, sempre. Mas às vezes ir sozinho é mais eficaz. Mandar um exército fazer uma missão discreta de reconhecimento é temerário; a boa prática é enviar um ou poucos batedores. Ou drones, desde que não seja um enxame inteiro. E dependendo do caso, é mais interessante fazer algo sozinho do que esperar eternamente pelas companhias perfeitas e, no fim das contas, nunca sair da poltrona.

Independentemente de sozinho ou juntos, saiba com que personagem você vai jogar. Não é o momento de escolher um personagem esquisito só pela diversão. É o momento de escolher o personagem com que você joga melhor. Se você tem um determinado conjunto de habilidades, você precisa explorá-las. Não é hora de experimentar com técnicas que nunca viu, ou de descobrir se você é bom com X, Y ou Z. Se você não tem experiência alguma, é uma ótima hora para começar. Mas se você sabe o que funciona para você, se abraça a isso. Escolha o personagem certo, aproveite suas forças, proteja suas fraquezas. Faça as coisas com segurança. Não tem *respawn* na vida real.

Um último aprendizado que podemos tirar dos RPGs e MMOs é que não se enfrenta um inimigo poderoso sem preparos. É claro que você pode ser emboscado por goblins na beira da estrada, e vai ter que lidar com eles da melhor forma possível. Mas se você está entrando de caso pensado na caverna onde vive o dragão, é melhor turbinar seu ataque e suas defesas, bem como as dos outros membros do seu grupo, e trabalhar as sinergias da melhor forma possível. Isso não é garantia de sucesso, é claro – os goblins da beira da estrada provavelmente fizeram isso antes de atacar o seu grupo. Mas é a melhor forma de, caso não vençam o dragão, pelo menos torná-lo mais vulnerável para o próximo grupo que chegar.



FOGO NO MUNDO

USAR TRANSFORMAR PLANEJAMENTO EM AÇÃO

A esta altura do campeonato, suas metas já estão muito bem estabelecidas, você já tem um plano claro sobre o que precisa ser feito e como tem que ser feito. Seu sangue deve estar fervendo de vontade de fazer as coisas acontecerem. Sua paciência e seu cuidado valeram a pena. É hora de colocar a mão na massa.

FAZENDO SUA MAGIA FUNCIONAR

Este livreto não é um simples manual de resistência: é um manual de resistência mágicka. Não vamos falar de técnicas de guerrilha – para isso, consulte Marighella. Não vamos falar de terrorismo poético – para isso, consulte Hakim Bey. Vamos falar de resistência mágicka, que depende de magia de ataque e de defesa para alcançar seus objetivos. E para isso, a sua magia precisa funcionar.

Antes de mais nada, eu gostaria de deixar uma coisa clara: nenhuma magia funciona se suas ações mundanas não forem condizentes com seus objetivos mágickos. Pronto, posso continuar.

Não existe prova científica de que magia funciona, e jamais haverá. Magistas podem até se basear em métodos científicos para seus trabalhos pessoais. Mas, no frigar dos ovos, a magia é o oposto complementar da ciência. E como não há prova de funcionamento, não há como mensurar sucesso pelos métodos científicos conhecidos. Isso não quer dizer que não haja formas conhecidas de aprimorar os seus resultados: só quer dizer que estas formas não são científicas.

O Magista/Cientista (ou Cientista/Magista) Peter J. Carroll tentou definir o funcionamento da magia usando fórmulas, em uma perigosa aproximação com a ciência da academia, em seu *Liber Kaos*. Do ponto de vista mágicko, trata-se apenas da criação de um paradigma, não da descrição definitiva da estrutura da realidade. E deixando a ciência de lado, suas fórmulas, ainda que não necessariamente demonstrem precisão matemática, se mostram úteis para entender o que funciona e o que é necessário para se obter sucesso.

Primeiro, é importante reforçar o *vínculo mágicko*. O objeto da transformação que você pretende aplicar sobre a realidade precisa estar ligado a você da forma mais intensa possível. No caso em que o objeto da transformação seja uma pessoa, por exemplo, é possível extrair resultados muito intensos ao trabalhar fisicamente com algo que pertença à pessoa, ou com uma parte desta pessoa (cabelo, unhas, fluidos). Na impossibilidade disso, pode-se usar fotos, CPF, gravações da voz, ou mesmo uma imagem mental muito clara. O que dificilmente dará certo é, por exemplo, nem saber como é o rosto da pessoa, ou seu nome verdadeiro. Estude sobre seu alvo, saiba com quem está lidando, tenha uma imagem clara, cerque-se de coisas que remetam a ele.

Você pode chamar como quiser, mas *gnose*, os estados alterados de consciência, são fundamentais para se ter sucesso na magia. Quanto mais intensa a gnose, maiores os efeitos. Se você não sabe o que é gnose, aprenda. Não faltam informações sobre isso. Se você acha que domina uma técnica de gnose, ótimo! Use-a, mas não se contente com o seu nível atual. Treine sempre, aprimore sua técnica. Se a operação mágicka é séria, não invente moda – use a gnose que você sabe que funciona para você. Se o trabalho for em grupo, leve em conta que o que funciona para você não necessariamente funciona para o resto do grupo. Quando o assunto é gnose, conheça seu grupo, conheça a você mesmo, faça o que funciona, e nunca se satisfaça com pouco.

O próximo tema é a *consciência consciente* (uma tradução ruim de *conscious awareness*). Ao contrário do vínculo mágicko e da gnose, que precisam ser altos, a consciência consciente precisa ser tão baixa quanto possível. Isso significa que, durante o ato mágicko em si, é interessante não ter em mente o desejo formulado de forma racional. É para isso que servem os sigilos – para que durante o ato mágicko você não fique pensando no objetivo, e não dê brecha para sabotagem do seu próprio subconsciente.

Por fim, temos a *resistência subconsciente*, aquela sensação (ou até certeza, em alguns casos) de que o que você está fazendo não vai dar certo. Este é provavelmente o fator mais difícil de controlar, porque se você faz uma magia com um determinado objetivo, é lógico que é algo que você quer, e é lógico que vai pensar nisso de vez em quando. E quando pensar, haverá sempre a sensação de “esse negócio que eu fiz não deu certo”. Essa postura é certeza de autossabotagem. Evite a todo custo a ansia por resultados. Durante a operação mágicka, não faça as coisas de qualquer jeito – quanto mais você se cercar de certezas de que está fazendo tudo certo, menor a chance de você achar que fracassará.

Uma última dica para potencializar os resultados da sua magia: escute o episódio 47 do Magickando.

MAGIA DE ATAQUE

Não acredite se alguém te disser que é possível fazer resistência mágicka apenas se protegendo e defendendo os seus. Não acredite se alguém te disser que o melhor ataque é a defesa. Porque obviamente não é. Não se limite a fazer círculos de proteção e proteger as florestas. Levante-se, insurja-se, e tenha em suas mãos um coquetel Molotov astral.

Magia de ataque é absolutamente necessária se você vislumbra a possibilidade de entrar em conflito. É relevante saber que o outro lado das trincheiras não é exclusivamente composto de neopentecostais sem nenhuma competência mágicka. Existem magistas do lado do oponente, e suas capacidades não devem ser desconsiderados. A estupidez é universal e assola todos os meios.

Além disso, dominar magia de ataque é condição prévia para ter sucesso em magia de defesa. Portanto, se você não sabe nada sobre magia de ataque, fica aqui uma dica de onde colocar seus esforços de aprendizado.

A resistência mágicka não deve ter como foco apenas as figuras de poder. Deve também combater a opressão de instituições, corporações, indivíduos e grupos potencialmente perigosos. Também deve ter como característica a capacidade de se entranhar em espaços não conquistados. Deve ser capaz de mudar a opinião de terceiros, de causar confusão, de alterar o status quo. A resistência mágicka precisa permear o tecido da realidade, como água em uma esponja. Deve afetar não só o inimigo, mas a comunidade ao seu redor. Deve ser um verdadeiro ataque à realidade consensual, em todas as frentes possíveis. A criatividade e o bom senso devem ser o limite.

Encantamento

A definição de encantamento se confunde com algumas das mais populares definições de magia: uma forma de causar efeitos objetivos sobre a realidade consensual.

Encantamentos podem fazer com que eventos ocorram ou deixem de ocorrer, alterar pensamentos e percepções de terceiros, afetar probabilidades, curar ou causar doenças e outros males, garantir que se faça justiça entre opressor e oprimido, fazer com que o óbvio não seja percebido ou que o oculto se torne evidente, causar ou encerrar maldições. É a magia do dia a dia para resolver problemas específicos.

Algumas formas de fazer encantamentos incluem o uso de sigilos, talismãs, objetos encantados, símbolos carregados, velas, pós, ervas e filtros, manipulação direta de energia, entre outros.

Existem tantas formas de realizar encantamentos, dentro de cada uma das correntes mágicas que há por aí, que é impraticável compilar todas elas. Dar receitas de bolo, então, é impossível em um livretinho como este. Mas saiba que o encantamento é a arma do dia a dia. Estude por fora, através de outras fontes, e tenha algumas ideias e estruturas de encantamento prontas para usar quando necessário.

Uma única observação sobre o uso de encantamentos: encantamentos sem gnose não funcionam. Não adianta apenas queimar uma vela preta, não adianta apenas escrever um sigilo e pendurar em um poste, não adianta apenas mandar um feitiço em emojis pelo WhatsApp para as inimigas. Você pode até se sentir realizado, mas para ver sua magia funcionar, é preciso se esforçar. Coloque energia em sua magia.

Invocação e Evocação

Os conceitos de invocação e evocação muitas vezes se confundem, mas é relativamente aceita a ideia de que **invocação** consiste em chamar uma inteligência para dentro de si, ao passo que uma **evocação** chama uma inteligência para se manifestar externamente. É com base nestes conceitos que trabalharemos nas linhas a seguir.

Quando você realiza uma invocação, você adquire provisoriamente (ou, talvez, permanentemente) algumas das características da inteligência invocada. Você também pensa como essa inteligência, e é capaz de acessar conhecimentos que normalmente não estão disponíveis para você. É possível invocar deuses de quaisquer panteões, um dos Quarenta Servidores, virtudes clássicas, elementos, personagens da cultura pop, pessoas vivas ou mortas. Não há limites.

No contexto da resistência mágica, você pode invocar inteligências ou arquétipos que ajudem a você ou aos seus a obter seus objetivos. De quem você gostaria de pegar algumas características emprestadas? Algum ativista que já se foi? Uma deusa da guerra? Um vigilante mascarado que ronda as ruas combatendo injustiças? Não importa quem – a invocação é a forma mágica de trazer um novo técnico para o seu time.

Evocações, por outro lado, podem ser úteis para fazer com que outras inteligências trabalhem para você; não dentro da sua cabeça, mas externamente. Elas podem ajudar a levar e trazer informações, alterar acontecimentos, influenciar pessoas, penetrar espaços impenetráveis, melhorar a vida de uns, atrapalhar a vida de outros, causar ou evitar acidentes – a lista é virtualmente infinita.

Talvez você já até tenha feito evocações, mas não tenha usado essa expressão na ocasião. Quando você pede a ajuda de um santo cristão, você o está evocando para auxiliar em sua causa. Quando você chama um servidor mágicko para te auxiliar, é evocação. Goetia? Evocação. Anjos enoquianos? Evocação. Sim, muita coisa que a gente nem imagina é evocação.

Quem você gostaria de ter ao seu lado na luta? A evocação é a melhor forma de chamar reforços. Quando você e os seus não derem conta, considerem a possibilidade de tocar a trombeta e chamar a cavalaria.

Não cabe explicar aqui como se faz uma invocação ou evocação. Até porque não existe uma só maneira. Aprenda por outras fontes, e pratique sempre.

Iluminação

Dentre os tipos de trabalho mágicko, a Iluminação é provavelmente a mais importante para a realização da Grande Obra da Magia. Mas não estamos falando de Grande Obra – estamos falando de resistência mágicka. A essência da iluminação é fazer com que quem a pratique se torne uma pessoa melhor. Mas Iluminação, no contexto de resistência mágicka, só faz sentido se o objetivo for tornar *o inimigo* uma pessoa melhor. Isso pode ser feito por encantamento, por evocação, ou por outras formas criativas. Mas uma forma conhecida, testada e aprovada de iluminar o inimigo é a Operação Mindfuck.

A Operação Mindfuck tem como objetivo desestabilizar crenças imutáveis, fazendo com que até o não-questionador seja forçado a questionar. Mesmo que os métodos não empreguem violência física, forçar mudanças de perspectiva em terceiros pode parecer um tanto violento. E é mesmo. Mas é por um objetivo nobre.

Assim como a metodologia SMART está sendo apropriada por nós, a Operação Mindfuck já foi apropriada pelo inimigo. Terraplanismo, negação de holocausto, se contradizer propositalmente a cada cinco minutos, campanhas de desinformação, PSYOPS – todas estas são técnicas da Operação Mindfuck sendo cooptadas pelo *establishment*. Fique alerta, não caia em ciladas, não deixe barato, e sempre dê o troco.

AVANTYR

No remoto ano de 2017, o podcast Magickando apresentou ao público um sigilo com o objetivo de causar uma grande vergonha pública à figura presidencial, com a data limite de funcionamento até o carnaval do ano seguinte. Os resultados (ou sua ausência) podem ser constatados ao analisar o noticiário da época.

Aqui, lançamos a sugestão de um outro trabalho de resistência mágicka que pode ser realizado pela comunidade. Em vez de um sigilo, sugerimos trabalhar com um servidor coletivo: Avantlyr.

Este servidor foi criado com os seguintes objetivos e com as seguintes programações:

- Combater a censura e defender a liberdade de expressão;
- Minar a alienação ideológica, estourando bolhas de extremismo;
- Proteção dos direitos garantidos pela Constituição de 1988;
- Respeito à individualidade sem prejudicar o coletivo;
- Agrupamento de pessoas favoráveis à causa;
- Reforço de posicionamentos claros, afastando pessoas fora de alinhamento;
- Quebra de certezas e de paradigmas.

A essência de Avantlyr é reconhecer que estamos no fundo do poço, mas que podemos sair dele, com as cabeças erguidas. Ele protege a criatividade, o criativo e a criação. Ele reforça a justiça onde ela é devida. E não tem medo de quebrar ovos para fazer uma omelete – desde que sejam os ovos do inimigo.

Avantlyr é viral, rizomático, percuciente. Ele precisa se espalhar para aumentar seu alcance e seu poder. E quem pode ajudá-lo a se espalhar é você.

Ao contrário da maioria dos servidores mágickos, que costumam ser ligados apenas a um sigilo em forma de imagem, Avantyr tem três sigilos: um gráfico, um gesto e um som. Todos os três podem ser usados para alimentar este servidor. A ideia é que Avantyr possa se manifestar no subconsciente do coletivo – e, por tabela, tanto de aliados quanto de inimigos – de diversas maneiras.

O som pode ser enviado sem grandes explicações para grupos de mensagens e redes sociais – não muito diferente do que ocorria não muito tempo atrás com o infame “gemidão do zap”. Você pode baixar o som neste link:

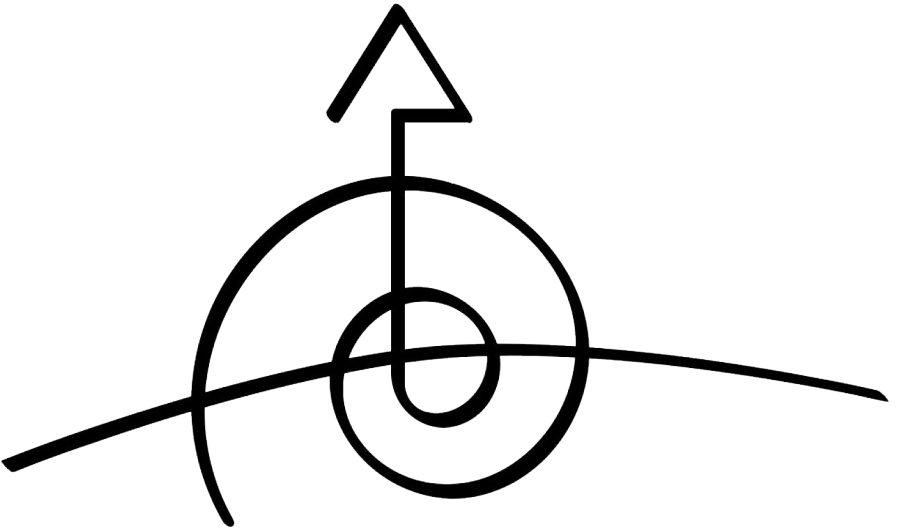
<https://soundcloud.com/user-147309807-607938298/avantyr>

O sigilo gráfico pode ser reproduzido em virtualmente qualquer superfície e com qualquer material – caneta sobre papel, grafite sobre muros, pixels em telas de celular, silk screen sobre camisetas –, de forma a se tornar visível para o maior número possível de pessoas, dentro e fora de sua bolha.

O gesto pode ser facilmente reproduzido em público, em fotos e selfies, e também em situações inusitadas e imprevistas. Por ser fácil de fazer e não levantar suspeitas, não é uma atitude incriminatória, ao mesmo tempo que possibilita reconhecimento entre pares.



Avantyr precisa de forças para realizar as tarefas para as quais foi programado. As melhores formas de alimentá-lo são as que mais dão trabalho, é claro. Se você já tem experiência com servidores mágickos, saiba que as formas tradicionais de alimentação servem bem – transferência de energias, oferendas, sexo, etc. Há também uma forma específica de alimentar este servidor: repetir seu gesto até entrar em um estado alterado de consciência, um estado em que o gesto perca todo o sentido e tudo ao redor saia da esfera da percepção consciente.



A outra forma (talvez a mais fácil) de alimentar Avantyr é espalhar os seus símbolos na esfera da realidade consensual. Espalhar entre seus amigos e parceiros de luta é ótimo, mas espalhar pelos meios dominados pelo inimigo, para furar tanto nossa bolha quanto a dele, é ainda melhor. Faça o gesto em locais públicos, e não de formas discretas. Tire selfies fazendo o símbolo e mande para seus parentes e colegas de trabalho. Coloque o símbolo gráfico em todo lugar que puder. Reproduza o som, com sua própria voz, batucando, ou por meios eletrônicos; em festas, redes sociais, reuniões de condomínio, e onde mais for possível. Seja criativo, e não se restrinja. Faça Avantyr furar as bolhas – só assim ele poderá exercer o máximo de sua capacidade mágicka e causar o maior efeito sobre a realidade consensual e sobre as mentes de aliados e oponentes.

Você pode entrar em contato com Avantyr para fazer pedidos específicos, desde que estejam alinhados com suas características básicas e com sua programação. Para isso, entre em um estado alterado de consciência à sua escolha e comungue com o servidor através de uma de suas insígnias. Mas você também pode simplesmente alimentá-lo e deixá-lo à vontade para cumprir sua programação de forma ampla. Há flexibilidade de aplicações, basta saber explorar.

Avantyr pode ser uma ferramenta importante para a resistência mágicka que se desenha, mas depende de todos nós. Faça sua parte.

Há um fato tão assustador e antinatural que às vezes relutamos em reconhecê-lo. Mas agora é mais importante do que nunca o entender e aceitar: nós não estamos seguros. Não está tudo bem. As coisas não estão melhorando. Na verdade, é exatamente o oposto. A distopia autoritária neopentecostal em que vivemos hoje é tudo menos um espaço seguro para magistas de qualquer vertente. É preciso resistir, é preciso fazer barulho, mas também é preciso calar.

NÃO FAÇA DE SI UM ALVO (PRINCIPALMENTE NAS REDES SOCIAIS)!

Evocando aqui um ponto muito importante do pequeno-grande manual “Como sobreviver ao Fascismo – um manual de bolso”, de Prouchnoj e Frater F.I.M., é uma ideia bastante equivocada, pra não dizer “idiota”, colocar uma grande placa sobre sua cabeça dizendo que você é contra o sistema, e que está, além de tudo, envolvido com magia para tentar desestabilizá-lo. Sair do armário de vassouras é pretérito, mas se você se encontra numa situação onde não pode, de jeito algum, assumir sua posição mágicka – seja por estar sob risco de perder emprego e renda, vivendo com uma família que não o aceite, ou ameaçado pelo grupo social em que vive – não faça de si mesmo um alvo fácil. Cuidado com a boca grande, especialmente nas redes sociais. Você pode, sim, continuar abordando os indecisos e mostrando a eles como o *status quo* é errado, e que eles precisam estar ao seu lado, mas faça isso discretamente. Se você assume posições apaixonadas, entra em discussões acaloradas e fala abertamente que você trabalha com magia, mas não pode correr riscos, prefira fazer isso usando um perfil fake, ou um que não ligue diretamente sua voz ao seu nome completo e CPF.

É perfeitamente entendível – e, por favor, não queremos dizer que você está errado quando faz isso – que você se sinta impelido a discutir com quem acha que está tudo corretinho. Mas tenha em mente, e isso é muito importante, que quando você

coloca a sua cara ali para apanhar, você está se expondo ao adversário. Retomando pontos já abordados nesse texto, cuidado com o que você ameaça fazer. Apenas faça.

CALE O ADVERSÁRIO, NÃO ESPALHE PÂNICO

Também entendemos que, em muitos momentos, tendemos a nos desestabilizar e realmente refletir: “será que há alguma saída?”. Pois dizemos que há. Na história há um bom número de momentos piores do que este que atravessamos agora. Respire e não se desespere.

Quando mostramos vídeos e falas onde o adversário se mostra em posição de superioridade, nós reforçamos essa figura. Nós estamos, literalmente, mostrando a todos, inclusive a quem está ao nosso lado, que não somos e não podemos ser fortes. Não espalhe nenhum tipo de material dessa natureza. Escolha mostrar vídeos ou falas que provem abusos ou situações violentas contra nossos iguais, e apenas isso. Não amplie a voz do adversário. Calar o outro também é calar.

“CUIDADO COM O EGO!”, A FRASE MAIS OUVIDA DE 10 ENTRE 10 MAGISTAS

É pretérito que devamos falar sobre o ego, e não só na prática mágicka. Estamos em um momento em que não dá para ficar se gabando de resultados concretos. Não dá para fazer propaganda de si mesmo, do quanto o seu *hadouken astral* funcionou, senão entramos novamente no ponto já discutido acima: você colocará um *outdoor* em cima da sua cabeça, dizendo que, além de ser contra o adversário, ainda está utilizando métodos mágickos pra isso. Tudo o que não é cristão é “macumba”, num sentido totalmente deturpado desta palavra tão bonita. E quem faz macumba, quem está contra o estabelecido, “boa gente não é”.

Faça a sua magia e saia de cena. Escolha nomes mágickos novos, se você já utiliza algum. Tenha um nome mágicko para cada dia da semana, se lhe aprover, mas tenha cuidado ao dividi-lo por aí. Tenha ânsia de resultado, mas não de espalhar por aí que você fez isso ou aquilo e que deu certo. Não faça da sua cabeça um prêmio cobiçado.

Caso você trabalhe coletivamente, cuidado maior ainda é não falar sobre o grupo. Não fale em nome do grupo, a não ser que seja requisitado – e que seja de comum acordo entre todos. Você pode, por simples ato de inflar o ego, colocar não só a sua imagem, mas a de muitos outros, em exposição desnecessária. Lembre-se também que

muitos serão protegidos por medidas tomadas dentro desses grupos. Não exponha inocentes só para mostrar o quão bom magista você é.

NOVOS NOMES, NOVOS SINAIS E NOVOS PROCESSOS DE (RE)CONHECIMENTO

Calar não significa apenas não dizer nada, não dividir ou vaziar informações importantes; significa também transmitir mensagens por vias simbólicas. Estas vias, por muitas vezes, são mais efetivas do que qualquer palavra. Além de integrativos, estes sinais e símbolos podem, em um momento de emergência e perda de esperança, mostrar que não estamos sozinhos e que há gente resistindo ao nosso lado.

Desenvolva a comunicação não-verbal dentro de seu grupo: você pode criar um gesto discreto – que não diga que você está resistindo pela magia – mas que seja identificável pelos seus pares. Esse gesto também pode servir de código ou sinal de confirmação de que aquela pessoa compartilha de suas ideias e objetivos.

Também é muito útil o uso de um sinal gráfico. Pense e desenvolva um deles dentro e para o seu grupo, como um sigilo. Pense no objetivo que quer atribuir a esse símbolo – reconhecimento de uma identidade, papel protetor do grupo – e espalhe-o por aí.

Desenvolva pingentes, anéis, pulseiras – pense em cores, desenhos, texturas – e crie uma identidade visual do seu grupo para que se reconheçam mesmo que não travem contato visual. Você já não usa camiseta da sua banda preferida, uma mochila estampada com algum símbolo de seu filme favorito, pinta ou corta seu cabelo de cores e maneiras específicas? Por que não fazer algo assim referente ao seu grupo ativista mágicko?

REUNIR PARA IDENTIFICAR E UNIFICAR

Como já citado anteriormente, reunir-se em pequenos grupos facilita o reconhecimento dos seus pares, mas nada impede que pequenos grupos se conheçam e arquitetem ações conjuntamente. Mas, para isso, é importante que também se reconheçam. Reúna-se, estabeleça símbolos e sinais não-verbais diferentes do seu grupo.

Pratique o silêncio também sabendo ouvir, escutar o que diz o grupo ou os grupos com os quais você se reúne. É prestando atenção em seus relatos que você pode receber muitas dicas sobre como se proteger melhor. O ideal é que esses grupos sejam de naturezas bem diferentes, para que tragam experiências diversas e mostrem os mais

variados cenários a que todos nós estamos expostos. Não adianta um grupo de bruxas se reunir apenas com grupos exclusivos de outras bruxas, ou umbandistas se aliarem somente a umbandistas. Isso também nos traz dois importantes exercícios: o de empatia e de compreensão e defesa do outro.

LER, LER E LER

Quando você tem um livro nas mãos, você tem possibilidades de acessar outros mundos. Leia livros de magia, livros de ativismo mágicko, mas não se esqueça de ler também autores que já passaram por momentos históricos semelhantes ao nosso. Para ir ainda além, escolha distopias que iniciam seu enredo com mundos parecidos com o qual vivemos hoje. Prepare-se sob todas as frentes: a mágicka prática, a experiência anterior à sua e os diversos cenários que podem se desenrolar a partir de agora. No fim deste livreto há algumas sugestões de leitura que abrangem essas três frentes.

CALAR É CRIAR SISTEMAS DE DEFESA, NÃO FALAR SOBRE ELES

Desenvolva dentro de seu grupo ativista mágicko sistemas de defesa diversos – afinal, proteção nunca é demais. Tenha um sistema de defesa para o grupo, crie sistemas individuais aos membros do grupo e, caso este tenha interesse, desenvolva ainda sistemas de proteção às pessoas próximas e estimadas, mas que não se encontram ativas ou saibam da existência do grupo. Você pode criar um sigilo de proteção para cada membro do grupo e um sigilo maior, que tenha símbolos ou partes dos sigilos individuais, para que haja a ideia do todo funcionando junto, e atribuí-lo ao grupo. Pense em outro símbolo para a proteção dos externos. Além disso, criação de rituais que envolvam todos os membros, para conectá-los todos a uma mesma egrégora e protegê-los do externo também é altamente indicado. Proteja essa informação no seu grupo: todos sabemos que agrupamentos experientes possuem suas defesas, mas ninguém sabe como elas são feitas. Por isso, esses símbolos devem ser exclusivos de quem está dentro deste microcosmo.

Bey, Hakim: **Caos: Os Panfletos do Anarquismo Ontológico** (Disponível em [https://pt.protopia.at/wiki/Caos: Os Pan%EF%AC%82etos do Anarquismo Ontol%C3%B3gico](https://pt.protopia.at/wiki/Caos:Os_Pan%EF%AC%82etos_do_Anarquismo_Ontol%C3%B3gico)); TAZ: **Zona Autônoma Temporária**

Boyd, Andrew & Mitchell, Dave Oswald (orgs.): **Bela Baderna: Ferramentas para Revolução** (Disponível em <https://medium.com/@EAtivismo/bela-baderna-ferramentas-para-revolu%C3%A7%C3%A3o-f5b266d4d559>)

Carroll, Peter J.: **Liber Kaos; Liber Null e Psiconauta**

Crowley, Aleister: **O Bagh-i-Muattar**

Guimarães, Ulysses et al.: **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988** (Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

Grey, Peter: **Bruxaria Apocalíptica**

Kelly, Tommie: **Os Quarenta Servidores**

Lévi, Éliphas: **Dogma e Ritual da Alta Magia**

Magdalene, Scarlet: **How To Magically Overthrow A Petty Tyrant: Occult Resistance For The 21st Century** (Disponível em <https://www.patheos.com/blogs/teaaddictedwitch/2018/06/occult-resistance-for-21st-century/>); **Public Hexes And Curses On Public And Political Figures: Do They Work?** (Disponível em <https://www.patheos.com/blogs/teaaddictedwitch/2018/10/public-hexes-curses/>)

Maggie, Yvonne: **Magia negra no STJ** (Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/blog/yvonne-maggie/post/magia-negra-no-stj.html>)

Marighella, Carlos: **Manual do Guerrilheiro Urbano**

Orwell, George: 1984

Prouchnoj & Frater F.I.M.: **Como Sobreviver ao Fascismo: Um Manual de Bolso** (Disponível em <https://www.yumpu.com/pt/document/read/62180503/como-sobreviver-ao-fascismo-um-manual-de-bolso>)

Salisbury, David: **Witchcraft Activism**

Sanches Neto, Miguel: **A Segunda Pátria**

Zamiátin, Ievguêni: **Nós**



**KEEP
CALM
AND
MAKE A
MACUMBA**